

**APONTAMENTOS DA ASSEMBLEIA DE
JULIÁN CARRÓN COM OS UNIVERSITÁRIOS
DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO DE BOLONHA
7 de março de 2012**

CANTOS:

Samba em prelúdio

Negra sombra

Noi non sappiammo chi era

Nick: Há pouco mais de um mês, ao introduzir o trabalho da Escola de Comunidade sobre o livro de Dom Giussani *Na origem da pretensão cristã* – que acabamos de iniciar –, Julián releu esta frase de Dom Giussani: “O acontecimento não identifica somente uma coisa que aconteceu e com a qual tudo teve início, mas é aquilo que desperta o presente, define o presente, dá conteúdo ao presente, torna possível o presente. O que se sabe ou o que se tem converte-se em experiência se aquilo que se sabe ou se tem é algo que nos é dado agora: há uma mão que no-lo oferece agora, há um rosto que vem avançando agora, há sangue que se derrama agora, há uma ressurreição que tem lugar agora. Fora deste «agora» não existe nada! O nosso eu não pode ser movido, comovido, ou seja, transformado, a não ser por uma contemporaneidade: um acontecimento. Cristo é algo que me acontece agora” (L. Giussani, *Cartaz de Páscoa 2011*).

Hoje, desfrutando da presença paternal de Julián, queremos-nos perguntar: que experiência fizemos com essas palavras? O que sucede quando se dá o acontecimento cristão? Observando-nos a nós próprios e aos nossos amigos, podemos afirmar a razoabilidade da fé e a verdade da proposta cristã? Penso que não existe presente maior – depois da própria vida – do que ter alguém – como Julián é para nós – que nos possa ajudar a descobrir e redescobrir o significado da vida e da verdade. Por isso, vamos aproveitar verdadeiramente a ocasião desta noite para um testemunho, mas também, e sobretudo, para nos deixarmos guiar e corrigir, para que possamos continuar caminhando.

Quando conheci o Movimento, durante o ensino médio, ao fim de pouco tempo fui totalmente tomado e conquistado pelo entusiasmo e pela seriedade, que eu nunca vira antes, que tinham aqueles jovens, os quais depois se tornaram meus amigos. Durante essa experiência, a relação com os meus pais mudou bastante. Se no início ficavam irritados com as exigências e perguntas estranhas que eu lhes colocava, há algum tempo que começaram a perceber algo de novo e diferente em mim, a perceber minha mudança. Mas, como disseste no dia 25 de janeiro, o homem possui a estrutura para reconhecer a excepcionalidade de Cristo, mas esta estrutura fica

frequentemente sepultada pela influência da sociedade e da história, que acabam por reduzir as nossas exigências originais. Portanto, embora percebendo alguma coisa, não pediam que acontecesse também com eles. Desde que vim para Bolonha, paradoxalmente agora que já não vivo com eles, também eles deram o passo: as perguntas que inicialmente consideravam absurdas agora são eles que as colocam a mim, querem saber cada vez mais de mim, querem saber o que faço, querem me conhecer melhor – eu que sou filho deles! –, perceberam que não conheciam uma parte de mim, da novidade que, como tu dizias, se verifica não numa diferença mas no apego àquilo que desejamos. E a coisa mais bela e libertadora é que a mudança deles não é fruto de um trabalho meu de convencimento, mas de uma abertura original do coração. Há duas semanas, o meu pai foi operado e ainda hoje os problemas de saúde talvez não tenham terminado. No início, eu pedia simplesmente que tudo corresse bem e se resolvesse da melhor forma possível; nos dias de hospital, porém, ele bombardeava-me de perguntas e contava tudo o que se ia passando com ele: que não é dono da sua vida. Ao deparar-me com uma humanidade tão diferente, o meu pedido também mudou, completou-se: “Tu que estás dominando cada fibra do seu ser, peço que me domines também assim, me tornes atento às coisas, como ele”. É mesmo verdade que nada é tão inacreditável como a resposta a uma pergunta que não se coloca! A partir daí, mudei também de atitude diante do estudo e dos meus colegas de apartamento. O meu eu foi transformado por uma contemporaneidade, por um acontecimento. Cristo é uma coisa que me acontece agora.

Julián Carrón: Basta olhar o que acontece. Porque o nosso ponto de partida – foi o que Dom Giussani sempre nos ensinou – é surpreender algo de novo que acontece agora. Bastaria essa simplicidade que a pessoa vê em si, que pode ver nos seus pais, para se lançar à estrada. Mas qual é a origem disso? Quem está em ação? É em relação a essa pergunta que deves ser sério, porque – como eu disse recentemente – me impressiona muitíssimo o episódio dos discípulos regressando da missão: têm diante de si Jesus – ao passo que para nós Ele pode parecer abstrato –, têm-no diante deles, carnalmente presente. Mas isso não basta para se darem conta dEle, da Sua diversidade, tanto assim é, que estão cativados mais pelo sucesso, pelos milagres operados, do que por Ele. Como é que Jesus manifesta amizade pelos seus amigos? Ele também se poderia ter unido à festa deles: “Vamos festejar porque a vossa missão correu realmente muitíssimo bem”; Ele também poderia ter manifestado satisfação, foi Ele quem os encarregou dessa missão, não? Mas como é que Jesus se mostrou amigo dos discípulos? Como é que sou teu amigo diante do que acabaste de contar? Convidando-te, como fez Jesus, a olhar mais longe: “Mas vocês estão percebendo? Não se alegrem somente pelo que aconteceu, alegrem-se pelo fato de que tudo isso é apenas o início daquilo a que os quero levar; e a coisa mais importante daquilo a que os quero levar é que vocês foram escolhidos, é que vocês são Meus amigos”. Porque se tudo o que contamos, tudo o que vemos, tudo aquilo em que surpreendemos uma novidade não nos leva a crescer na amizade com Cristo, então

não nos serve para nos levantarmos da cama amanhã de manhã. Eu não posso oferecer contribuição melhor do que recolocar perante vocês e perante mim próprio o modo como Jesus é amigo dos Seus amigos. Não tenho nada mais interessante do que isto para lhes dizer, porque Jesus veio e sabe muito bem qual é a nossa necessidade, melhor do que nós próprios; e – como Dom Giussani sempre nos ensinou – está aí toda a diferença, toda a novidade de Jesus: que só o divino salva o humano, só o divino é capaz de captar todos os fatores do humano. Só Ele é capaz de se aperceber de todas as necessidades dos Seus amigos, é o único capaz de não reduzi-los ao que eles mesmos se reduzem, e justamente porque os olha assim, segundo todas as suas necessidades e toda a sua profundidade, diz-lhes: “Amigos, não se contentem com isso, porque são consequência, são sinais, a coisa mais interessante é que tudo isso invoca outra coisa”. Vocês também precisam de compreender isso, porque caso contrário ficam com tudo o que aconteceu mas que não responde a toda a vossa necessidade. A única coisa que responde a esta necessidade é uma relação! Se não crescemos na relação com Ele, na relação com os pais, as coisas que acontecem não fazem vir à tona a intensidade, o incremento, a profundidade. Jesus quer mesmo isso para nós. É preciso entender que jogamos tudo neste incremento. Por isso é que, no final da apresentação de *Na origem da pretensão cristã*, dissemos que não se trata sequer da imagem da mudança, mas de uma relação que cresce. É o desafio deste ano.

Ontem estivemos, com alguns amigos, no enterro de uma amiga nossa. Ainda em relação ao que acabaste de dizer, eu dei-me conta de que, ao sair para o enterro, eu tinha na cabeça um monte de coisas, tinha feito uma análise de tudo, perguntava-me por que tinha sucedido aquilo, porquê ela, por que é que neste momento dramático também para a sua família, para as escolhas que terão de fazer; tinha na cabeça todas essas questões. Antes de entrar na igreja cumprimentei a filha, que é minha amiga, e o pai, os quais não choravam, abraçavam a todos, tudo muito bonito! Porém, mesmo na igreja, enquanto esperávamos o início da Missa, a única coisa que eu tinha na cabeça eram as dúvidas, as minhas perguntas. Mas houve um momento, um minuto antes de começar, em que entrou a filha, que é uma religiosa da São Carlos, acompanhada de todas as outras Irmãs, elas entraram e percorreram toda a igreja; criou-se um silêncio sepulcral, elas ajoelharam-se e começaram a rezar. Eu tinha um grande desejo de, entre outras coisas, conversar com ela e naquele momento ela nem sequer olhou para mim, nem percebeu que eu estava ali; mas eu disse: aqui acontece Cristo. De fato, quando no início cantámos “Se choram, és tu que choras” (eu não tinha conseguido chorar), senti um aperto no coração, e não por ter feito alguma análise, mas porque racionalmente a única posição que se podia ter era a da sua filha e das suas irmãs.

Porquê?

Nem sequer nos falámos, mas só pelo hábito que vestiam, pela maneira como se puseram a rezar, era razoável que a única coisa que vale na vida é dá-la toda a Jesus.

Isso é o que elas faziam. E tu?

Eu senti um desejo infinito daquela coisa, de Jesus. Eu disse: não desejo outra coisa, porque todas as respostas que eu me poderia dar a mim mesmo – olha quanta gente boa, vão nascer coisas ótimas – não se seguram. Realmente senti um desejo de radicalidade total por ter dito: não desejo menos do que isto. É o que, a propósito da companhia, também disseste na síntese do domingo de manhã em Rímini (que eu, confesso, tive dificuldade de compreender no início).

É preciso esperar que a vida nos ponha em condições de poder entender o que verdadeiramente nos acompanha perante estes fatos imponentes. Uma cerveja podemos tomar com qualquer pessoa; mas para encarar a morte – meninos, isto não é brincadeira! – nem todos nos acompanham, porque têm um medo louco; no melhor dos casos ficam calados porque não têm o que dizer ou não sabem por onde começar.

De fato, eu não sabia para onde me virar; até ela entrar na igreja eu não tinha ideia do que dizer; estavam ali amigos meus, a minha namorada, e eu não sabia o que dizer. Hoje, na hora do almoço, encontrei-me com os meus amigos e tive de lhes dizer: “Precisamos de ajudar-nos, ajudem-me nisto porque a coisa que eu desejo é que Cristo aconteça agora”, e essa é a única, a única possibilidade de eu continuar nesta companhia. Se estou aqui dentro é porque agora, aqui, Cristo acontece.

Eu agradeço, porque assim nos podemos ajudar a entender uma coisa em meu entender decisiva. A pessoa, diante de um fato assim, não pode deixar de começar por usar a razão de um certo modo. Tu utilizaste a palavra “análise” (procurar entender por que aconteceu ou não aconteceu, etc.), que é uma atitude enganadora, como me dizia recentemente um amigo perante uma situação semelhante. Não é que a pessoa deixa de usar a razão; usa-a, mas usa-a de modo analítico e, assim, não consegue encontrar uma resposta, não consegue sair da gaiola. É isso que predomina na maioria das vezes. Depois chega a filha com as outras Irmãs e colocam diante de todos um fato que consegue arrebatá-la toda a razão, na modalidade indicada por Dom Giussani e que tem como auge o uso da razão em João e André: nunca como naquele dia, diante da Sua presença, tinham usado tão plenamente a razão, segundo a exigência de totalidade que os impedia de ficarem pela análise e, em vez disso, abria de rompanete a resposta à exigência que tinham. Observando-nos a nós mesmos em ação em ocasiões como esta, vemos que aquilo que Dom Giussani diz (de João e André e do uso da razão) pode ficar em nós como uma imagem poética mas, no fundo, não sabemos verdadeiramente o que pretende dizer até que surpreendemos em nós mesmos esse uso da razão que a salva. Como me dizia esse amigo, ele também caíra na armadilha da análise relativamente à doença de uma nossa amiga, que evidentemente a mim também me atingiu imenso; começando um encontro, citei

uma frase de Fogazzaro que me havia impressionado justamente pelo que estava acontecendo: “Senhor, tudo no mundo é vão, exceto o eterno”. Uma coisa assim coloca-nos a todos diante do eterno. E ele dizia: “Esta frase representou, para mim, a possibilidade de ser salvo de um uso analítico da razão, abrindo-me de par em par para a totalidade”; como tu dizias, para essa exigência de radicalidade total que é o ímpeto da razão, para essa exigência inexaurível que a razão tem. A questão é que temos de ser sérios – dizia eu – com este desejo de radicalidade total porque, se a pessoa não o faz, não vê até que ponto esse uso da razão é mais verdadeiro (isto é, responde melhor à natureza da razão como exigência de totalidade) e mais cedo ou mais tarde acreditará que se trata de coisa de visionários. Então agora precisas de ver: por que motivo a presença daquelas amigas se impôs com toda a sua razoabilidade? Porque acontece algo em que nós surpreendemos de tal maneira a resposta à exigência que temos que esta magnetiza toda a nossa razão. Cada qual tem de comprovar isto por si mesmo, de tal modo que se passe do desejo de radicalidade total à experiência da realização dessa totalidade. São coisas que acontecem todos os dias: uma amiga professora teve de enfrentar o caso de um seu ex-aluno que tentou o suicídio e, depois, ao contar-me tudo, dizia: “Hoje pude experimentar toda a conveniência da fé e fiz a experiência de uma companhia de Deus, que com o tempo me introduziu num modo de encarar as dificuldades [não fugir das dificuldades, não escapar delas, não esquecer as dificuldades: encarar as dificuldades!] toda dominada, mesmo no choro [nada foi deixado de lado], por uma indomável certeza”. É este o nosso objetivo, nós somos amigos para nos acompanharmos no percurso da estrada que nos permita – diante do drama da vida, qualquer que seja o aspeto desse drama – enfrentá-lo com uma indomável certeza. Isso é a passagem do desejo à experiência, à surpresa desta indomável certeza; o que viste no outro desejas para ti próprio. E onde é que está a possibilidade de que esse desejo de totalidade e de radicalidade total suceda como uma surpresa, de tal forma que a certo ponto digas “Mas como é possível?” Está no fato de te surpreenderes a ti próprio com uma indomável certeza. Nós não podemos prever o que vai acontecer na vida, qual será o modo como a vida nos vai desafiar, não sabemos nada, não temos nada – nada! –, jovens, em nossas mãos, como vemos; mas ninguém nos pode impedir de fazer um caminho, a fim de que qualquer coisa que nos aconteça nós a possamos enfrentar com essa indomável certeza. E esse é o caminho que estamos procurando fazer juntos, seguindo Dom Giussani. Como se vê se o vamos fazendo? Se nós, diante dos pequenos ou grandes dramas que temos de enfrentar na vida, começamos a surpreender um certo tipo de certeza, mesmo no choro, mesmo na dificuldade, mesmo no cansaço. Todas as outras coisas são imprevisíveis, não sabemos qual vai ser o modo como o Mistério leva cada um ao seu destino, mas Cristo veio para ser companheiro do nosso destino. Por isso, se não aumentamos cada vez mais essa certeza dEle, os fatos do passado permanecem só como passado. Diante do presente estou eu, com toda a experiência que me permite manter uma certeza inabalável diante do real. Se nós não entendemos

isto, não compreendemos a oportunidade que Dom Giussani nos oferece de fazer este caminho agora, este ano: o percurso que os discípulos fizeram para chegar a essa certeza. Dom Giussani tem esta ternura em relação a nós: ele próprio percorreu o caminho e no-lo propõe passo a passo, de modo que cada um possa responder a este desejo que, num momento muito concreto, surge diante dos nossos olhos. Porque tu agora, sem teres diante de ti uma proposta, como respondes a esse desejo que emergiu tão potentemente diante de um drama e de uma certeza que viste noutra pessoa? Dois dias depois tudo iria pelos ares se não tivéssemos um caminho a percorrer, para passar do desejo à experiência. E essa decisão Dom Giussani não pode tomá-la por nós; pode ter vivido a vida, ter feito o caminho, ter documentado todos os seus passos; mas não pode dizer “sim” por nós, porque a certeza tem de ser minha, tem de ser tua. E não é por repetir os passos teoricamente que uma pessoa faz o caminho, mas faz o caminho se fizer o caminho!

A conclusão do curso vai-se tornando uma meta mais ou menos próxima e os meus dias são marcados pelo estudo, pela tentativa de me livrar dos exames todos e formar-me o quanto antes, pelo pensar e repensar que especialidade fazer; e quando volto para casa, junto à minha família, há uma situação que me desagrada, mas que existe, e por causa disso muitas vezes predominam a tristeza e a raiva. O resultado é que perdi o gosto por tudo, pelas coisas que faço, pelo estudo, pelos meus amigos; apenas me resta uma grande ansiedade porque gostava de controlar uma situação que me escapa. Então parei para pensar e me questionar como a minha forma de ser cristã incidia em tudo isto e notei que, para mim, neste momento, a fé, o fato de Cristo, não diz nada àquilo que eu sou, isto é, não altera o meu modo de viver e não o torna mais humano. O ponto não é que deixaram de acontecer episódios e encontros, que continuam a acontecer e me fazem dizer: “Isto é uma coisa fora do normal”, episódios ou encontros que me prenderam e graças aos quais a fé me continua a fascinar e a prender. Porém, no fim não se torna constitutiva de mim, não se torna critério e não altera o modo como eu olho e enfrento as coisas que preciso de fazer e o que acontece comigo. Eu pergunto: o que é que falta?

Veem? Eu te agradeço porque conseguiste expressar muito bem essa fratura que sentimos em nós e nas nossas comunidades entre saber e crer. Não vemos como o crer incide sobre o saber, na vida; superar esta fratura faz parte do caminho que temos de percorrer. Não quero jamais “fechar” as coisas de que falamos. Como eu disse a quem te precedeu: “Olha, para passar do desejo à surpresa da certeza é preciso fazer um caminho”, também contigo não posso fechar a partida com uma explicação, isso nunca, mas devolvo-te a bola com uma sugestão de caminho, porque caso contrário ele nunca se tornará teu. Porque a resposta já a tens, a questão agora é caminhar. E qual é a estrada? A que é que Cristo ligou a possibilidade de vermos uma coisa diferente na vida? Ao fato de te ter poupado enfrentar certas coisas? Não, não prometeu a quem O seguisse que não iriam acontecer

determinadas coisas; disse que a quem O segue, a quem deixa entrar a Sua presença, a esse é prometida uma impossível certeza para enfrentar as circunstâncias. Deixa entrar a Sua proposta, deixa entrar o que encontraste, senão, para enfrentar todas as coisas que me contaste (e nas quais te sentes dividida) vai ser difícil que consigas ver o que significa a fé na vida. Em vez disso precisas de dizer: “Vou tentar enfrentar esta situação contigo, Cristo, na companhia dos amigos”. Vem-me sempre à mente – eu já contei isto várias vezes – que diante do caixão do meu pai eu pensei: isto é tudo? A questão é se quando eu chego ali, diante dessas situações, existe algo que nem a morte pode arrancar dos meus olhos, das fibras do meu ser. Dou sempre o exemplo dos discípulos; imagina João e André, que experimentaram Cristo ressuscitado, Aquele que haviam deposto no sepulcro, a certa altura viram-no e tocaram-no vivo, comeram com Ele vivo. Imagina a primeira vez que morreu um discípulo ou um amigo; terá sido possível, para eles, diante do caixão, deixar de lembrar que tinham visto Cristo ressuscitado? O que nos permite enfrentar uma situação como essa é ter nos olhos a vitória de Cristo. Frente às situações realmente difíceis não serve o que a gente imagina (até porque, naquele momento, a gente não imagina nada) ou o que sente (até porque, naquele momento, a gente sente tudo o contrário), parece predominar o nada; na verdade, quem diz que nesse momento uma pessoa inventa a fé não sabe o que diz, porque essa é a última coisa que alguém pode inventar. Porque nem mesmo quando temos fé abrimos a boca; imaginem-se a alguém que não tem fé, que não sabe nada de Cristo, pode ocorrer a ideia de criar uma fé para se consolar! A questão é se, chegando a esses momentos difíceis, graças ao percurso que fizemos, aquilo que te aconteceu, aquilo que tens nos olhos, tu não o deitas fora. Porque senão, minha amiga, estás sozinha com a tua impotência diante de tudo o que te sucede. Se tu, ao invés, reconheces – “reconheces”, não “inventas” ou “crias” – como reconheceste todas essas coisas que te continuam a acontecer na vida, o teu horizonte não fica reduzido à aparência do que vês. De fato, o que é que prevalece muitas vezes? Que só existe o que estou vendo agora, a aparência, o estado de espírito momentâneo. Mas se tu comesças a não te deixar reduzir assim, se comesças a reconhecer o que viste, a dar-te conta de que não estás sozinha, a dar-te conta de que há uma presença real, presente, mais poderosa do que tu e do que todos os problemas, podes verificar se essa presença te ajuda. Mas isto é uma verificação que cada um tem de fazer pessoalmente. Sem pressa, sem irritação, mas sem parar, meio claudicando, errando mil vezes, desanimando, por vezes apenas vendo o nada, quase num nevoeiro, pouco a pouco, pouco a pouco: em determinado momento – como na carta que citei antes – aparece essa imbatível certeza que nos permite entrar no real. É um caminho. É uma experiência. O caminho para a verdade é uma experiência. Por isso não basta repetir as frases, é preciso depois fazer a verificação na própria experiência. É possível porque temos na nossa frente pessoas que nos dão testemunho disso. A pessoa vai a um velório, fica desorientado perante a morte, depois chegam pessoas que são dominadas por uma outra coisa. Não são supermulheres e nós uns estúpidos; não,

são pessoas que fazem um percurso, fazem um caminho, e pouco a pouco chegam, exatamente como nós podemos chegar. Eu sempre lhes disse que isto me fascinou no Movimento: propunha-me um caminho possível, como te propõe a ti. Se tu não desistires, na próxima vez já me dirás o que acontece quando tu O deixas entrar.

Antes de começar a experiência do CLU, e da vida universitária em geral, eu estava dominada por mil medos, estava descontente por deixar para trás as minhas amizades, e preocupada por não conseguir encontrar outras tão grandes como aquelas. Bolonha parecia um ambiente grande demais para mim, o juízo que eu fazia do Movimento era absolutamente negativo e não me permitia deixar-me ir. Apesar de ser convidada para os encontros organizados na minha paróquia, sempre recusei ir, firme como estava na minha posição crítica; não queria participar porque os considerava uma perda de tempo e, sobretudo, porque abordar certos temas não me ajudaria em nada, ao contrário, fazia-me sentir mal. No fim, escolhi Bolonha porque me fiei, e confiei, em três grandes amigas minhas, e também porque me queria tentar governar sozinha, longe de casa e da dependência dos meus pais. Sempre fui uma pessoa reservada, tímida e pouco disposta a falar de mim, da minha família e, sobretudo, do meu irmão mais velho, que tem 29 anos e vive em estado vegetativo há 27 anos. Por estes motivos, havia prometido a mim mesma que não me deixaria envolver demasiado nas propostas que me fossem feitas e pensar exclusivamente no estudo. Para além dessas minhas intenções, não tive grande dificuldade para me ambientar e logo me senti querida pelas pessoas que me acolheram, especialmente pelas meninas que moram comigo e que agora considero a minha segunda família. Embora sempre tenha considerado normal a condição em que o meu irmão se encontra, uma vez que me acostumei a vê-lo assim desde criança, muitas vezes me perguntei o sentido dessa vida, e muitas vezes procurei imaginá-lo com saúde, pensar em qual seria seu caráter, que faculdade ele teria escolhido, além de tentar intuir que tipo de relação poderia ter havido entre nós, como seriam nossas brigas e como seria essa sã cumplicidade que une dois irmãos quando se tratasse de discordar dos nossos pais. Eu não conseguia compreender como era possível que ele, com todo o sofrimento que carrega, podia soltar sorrisos tão cheios de vida que nem eu, nos meus melhores momentos, consigo fazer. Sempre me limitei a ajudar os meus familiares no relacionamento com ele e – apesar de sempre o ter desejado – não era capaz de lhe manifestar aquele afeto e as atenções especiais próprios dos meus pais. Sempre admirei meu pai pelo modo como o trata, pela atenção e paixão com que se relaciona com ele, mas talvez isso não me bastava para me aperceber verdadeiramente de quem tínhamos em casa e a responsabilidade que nos é exigida exatamente a nós. As experiências que vivo agora – para mim, em primeiro lugar, a caritativa e os encontros com determinadas pessoas – têm-me ajudado muito a amadurecer na relação com o meu irmão, mas o que mais mexeu comigo até agora foram os Exercícios de

dezembro, sob o tema “A inexorável positividade do real”. Participei nesses Exercícios sem saber bem do que se tratava e com uma grande curiosidade em relação a um tema tão estimulante. Os Exercícios foram regeneradores para mim e, graças a todas essas oportunidades que me foram oferecidas, só posso estar agradecida pelo que tenho. Sem eu ter reparado, o meu irmão tem-me ensinado a viver e a apreciar a vida com todas as suas nuances. Consigo estar diante dele e admirá-lo, como que conseguindo advertir um Mistério que o segura pela mão e que eu antes não conseguia ver. Tenho sorte por tê-lo como irmão e estou convencida de que, sem ele, eu nunca teria conseguido alcançar a consciência que tenho agora, assim como não teria conseguido reconhecer que toda a realidade é interessante e cheia de significado por causa daquele Tu.

Obrigado, minha querida, porque isso ajuda também a responder à pergunta anterior: uma pessoa pode ficar anos sem conseguir encarar uma situação como a do teu irmão. Qual é a surpresa que descobres agora? Que agora consegues estar diante dele. O que tu antes não conseguias fazer – mostrar a afeição que notavas em teus pais – agora começa a acontecer. Porquê? Porque foste melhor? Porque treinaste mais? Não, por aquilo que entrou na tua vida. A situação do teu irmão não mudou, não sabemos por que desígnio Aquele que faz todas as coisas o conduz ao seu destino desse modo; mas o que ninguém pode evitar, que ninguém pode cancelar – se a pessoa está disposta a deixar-se amar, porque foi isso que ela fez, deixar-se amar, até mesmo abandonando todas as defesas que ergueu – é que deixar entrar um Outro na vida tem como resultado que a pessoa começa a penetrar na escuridão daquilo que durante anos não foi capaz de ver. É simples. Essa é a razoabilidade da fé, essa é a conveniência humana da fé. E cada um tem de decidir se isso lhe interessa para entrar em qualquer escuridão (cada um de nós vive a sua). Porque, então, começo finalmente a poder olhar da maneira certa, sem reduções, e começo a surpreender no irmão doente aquela Presença que o sustenta, e portanto começo a sentir-me orgulhoso por ter um irmão assim. O que lhe aconteceu a ela? Foi fazer um curso de filosofia para aprender a usar a razão corretamente? O que é que Cristo introduz? Por que é que Ele nos torna mais humanos, mais nós mesmos? Porque começamos a olhar o real, a usar a razão de um modo verdadeiro, começamos a não deixar de fora nenhum fator. E isso permite-nos olhá-lo, não porque agora tenha de olhá-lo, não porque eu me proponho olhá-lo, não por ter feito um esforço titânico para olhá-lo (não conseguiria). Não, não, não: eu surpreendo-me capaz de olhá-o. Essa é a conveniência da fé, meus jovens. Bastaria um desses relatos – só um! – para nos darmos conta da conveniência humana da fé. Todas as vezes que nos vemos (ou que vocês se encontram), quantos desses relatos ouvimos! Ninguém no mundo sente as coisas que nós sentimos, vê as coisas que nós vemos, toca as coisas que tocamos. Então, é com tudo isto que vemos, que tocamos e que reconhecemos que nós podemos entrar em qualquer circunstância, isto é, podemos não censurá-la mais: uma coisa que eu não sabia como gerir, que durante anos, muitos anos, eu tentara fingir que não existia, mesmo fazendo as coisas habituais para

dar uma mão, mas no fundo procurando eliminá-la, a um certo momento passa a ser humanamente possível de enfrentar, não como resultado de não sei que treino ou terapia, mas somente deixando Cristo entrar através de alguém que nos abraça agora.

Quero contar aquilo que se tem revelado ser para mim a experiência que faço dentro do Movimento. Há quatro anos tive um acidente muito grave, por causa do qual fiquei hospitalizado seis meses e, depois de uma semana em coma, acordei com uma felicidade imensa, uma felicidade que eu nunca tinha sentido antes disso, mas que não conseguia explicar ou, melhor, à qual eu dava uma explicação baseada em mim próprio, ou eu fazia depender a minha existência de mim próprio; eu tinha-me tornado, em certo sentido, autossuficiente porque estava convencido de que estava vivo graças a mim mesmo. E assim foi nos meses e nos anos seguintes, até que, chegando ao CLU, me foi revelada uma verdade maior que eu compreendi ser verdadeira, não porque visse nos olhos dos meus amigos que não frequentavam o Movimento algo de menos, mas porque eu via nos olhos dos meus amigos do Movimento qualquer coisa verdadeira. Quando eles me falavam, quando eu estava com eles, havia sempre algo que me remetia para outra coisa, e assim consegui finalmente colocar-me perguntas a mim próprio, porque antes de entrar no Movimento, a seguir ao meu acidente, eu estava convicto de me ter tornado uma espécie de super-homem, e por causa disso eu já não me interrogava ou, pelo menos, não sentia a necessidade de fazê-lo (porque a qualquer pergunta eu poderia encontrar uma resposta em mim mesmo). Depois entendi que isso era a morte; eu havia saído do coma, mas substancialmente ainda estava “em coma”, não me fazia perguntas, isto é, não vivia verdadeiramente. Então foi então que me veio à cabeça uma frase de Dom Giussani no Dal temperamento um método, que vou ler agora porque me revejo muito nela: “Se tu te identificas com esta companhia, a tua fisionomia, o teu caráter, a tua personalidade revive, renasce; descobres que sentes, que fazes, que entendes coisas nas quais nunca terias pensado”. Para mim isto é muito verdadeiro e agradeço toda esta experiência no seio do Movimento porque me tornou possível entendê-lo.

Agradeço-te porque que mais nos deve suceder senão despertar do coma? Mas isso também pode não bastar para nos fazer sair da nossa autossuficiência. É fatal. Pensamos que nos conseguimos arranjar com nossas próprias forças, mas depois de sair do coma temos de reconhecer que ainda estamos “em coma”, porque nem o sair do coma basta para fazer ressurgir o eu. O único é Cristo! E, como já dissemos, é isso que torna cada vez mais potente a afeição por Ele. Porque a coisa mais retumbante que pode acontecer a alguém é sair do coma, com toda a óbvia felicidade, mas no instante seguinte tem de reconhecer que, mesmo atribuindo-se o mérito por isso, está ainda “em coma”, mas não se apercebe disso até que, no encontro cristão, a pessoa se descobre verdadeiramente a si mesmo. Essa é a diferença. É isso que precisamos de observar durante este ano

de trabalho. Porque quando pensamos nos apóstolos, dizemos: “Eles sim é que tinham sorte, não nós que não vimos as coisas que eles viram; eles sim é que tinham sorte, não nós; para eles era possível alcançar essa certeza, para nós não”. Mas, desculpem, as coisas que vemos são menores do que aquelas que eles viram? Quem é capaz de salvar todo o humano, de despertar alguém “do coma” depois de ter saído de um coma? Somente quem entende isso é capaz de se dar conta da excepcionalidade de Cristo, da Sua diferença absoluta relativamente a qualquer outra coisa. E então, se a pessoa começa a compreender isso, não pode evitar acordar e levantar-se de manhã sem ser dominado por este pensamento: “Tu estás aqui e fizeste-me aperceber disso. Tu fizeste-me ser eu próprio!”. Digam-me se são capazes de não sentir uma gratidão ilimitada pelo fato de Cristo existir. E então compreendemos que não basta qualquer migalha, porque podemos ter tudo. Uma pessoa pode até despertar do coma mas, se Ele faltar, continuará “em coma”. Se falta Ele, que é quem o desperta, pode continuar “em coma”. E, todavia, a vida começa, verdadeiramente recomeça quando a pessoa se dá conta de que Ele existe e que Ele se torna de tal modo presente que se dá a conhecer, não dando-nos uma lição, mas levando-nos a fazer a experiência de algo que está acontecendo agora. Cristo é assim. Por isso, quando dizemos que Cristo é abstrato, temos de negar estas coisas, temos de contar lorotas, temos de mentir, temos de sucumbir à mentira. Ao invés, quando temos a simplicidade dos apóstolos tudo se torna simples. Obrigado.

Nestes últimos meses, na prática, para mim, o presente começou a existir agora, e isso é uma coisa fantástica. Em novembro tive de decidir com quem ia preparar um exame. Isto pode parecer um problema tolo, porém para mim era um problema vital. Para pôr um fim a este dilema, no dia 18 de novembro encontrei-me ao almoço com um meu amigo com o qual eu esperava poder estudar para o exame, e aquele almoço foi decisivo porque ele, em vez de me dizer “Então, vamos estudar juntos?” me olhou firme nos olhos e perguntou: “Mas o que é que tu queres?”. Então eu disse-lhe: “Eu gostava de estudar contigo”. E ele: “Não, esquece o estudo, eu interesse-me por ti; o que é que tu queres?”. A cada duas palavras, ele perguntava: “O que é que tu queres?”. Repetiu isto aí umas oitenta vezes...

Tu reduzas a necessidade a ter alguém com quem estudar para o exame, e em vez disso deparas-te com alguém que insiste: “O que é que tu queres?”. Compreendem a diferença que existe nessa pergunta? Para que alguém fale assim, o que deverá ter vivido na sua vida? Este olhar hoje, hoje, não há dois mil anos, hoje, contemporâneo a nós, quem o faz surgir? Porque a contemporaneidade de Cristo não são palavras, é eu hoje encontrar alguém que, perante a redução da minha necessidade, mesmo quando insisto que o que quero é alguém que me ajude a estudar, não desiste e me diz: “E tu o que é que queres realmente?”. É este o modo como hoje nós fazemos experiência de como só o divino salva o humano. Não é apenas uma frase que lemos em algum livro; agora vemos

o que quer dizer hoje, não só como uma coisa que sucedeu a João e André, não somente como uma coisa que aconteceu a Mario Vittorino (que quando encontrou a Cristo se descobriu homem), não, não, hoje, hoje! Há o olhar de alguém presente que te diz: “O que é que tu queres?”; face a todas as tuas tentativas de reduzir, continua a insistir, não desiste: “O que é que tu queres?”. Mas será que nos damos conta disso? Será que tu te dás conta disso?

Sim.

Porquê? Diz-me. Força.

Porque a certa altura, como via que eu não captava aonde ele queria chegar, me disse: “Olha que, se o problema é a nossa amizade, nós somos amigos tanto estudando juntos como não estudando juntos; o contrário é fazer pouco de nós mesmos; o problema é que nós somos amigos se vamos para o mesmo lugar; só que para ir para o mesmo lugar precisamos de ter claro na cabeça para onde estamos indo; e para ir para o mesmo lugar tu tens de ter claro o que queres”. E voltou ao mesmo ponto, e eu, tendo de dar uma resposta, reparei que não sabia por que tinha ido lá pensando: quero estudar com ele. Estudar com ele não teria respondido à pergunta, e nem mesmo a sua amizade, porque era necessário algo incrivelmente maior, mas que me escapava.

Escapava que essa coisa incrivelmente maior estava presente no modo como ele fazia aquela pergunta. Muitas vezes não entendemos nem sequer tendo diante de nós a Sua presença através de alguém que nos fala assim – como aconteceu com os discípulos. Que diferença existe entre a correção que Jesus faz aos discípulos que voltam com êxito da missão, e a correção que te fez aquele amigo: “Tu percebes que isso não te basta? Percebes que ajudar-te apenas a resolver o problema do exame não te bastará para acordares feliz amanhã de manhã? O que é que tu queres? Quem és tu?” É alguém que consegue olhar para ti com uma ternura, com uma profundidade, como talvez tu nunca tenhas sido capaz de olhar para ti mesma; hoje, não há dois mil anos, hoje. E isso quer dizer que, quando fazemos o percurso da Escola de Comunidade, podemos fazê-lo tal qual os discípulos, por aquilo que está acontecendo agora, porque a contemporaneidade de Cristo nós podemos comprová-la em todas estas coisas que temos ouvido hoje, porque nenhuma destas coisas poderia acontecer por acaso se Ele não se fizesse presente hoje; este olhar nunca o poderíamos ter sonhado sequer. E então?

E então, depois, ao voltar para casa, com calma, dei-me conta de que sabia realmente o que queria: eu não queria que as coisas escapassem mais por entre os dedos, queria crescer, queria começar a levar-me a sério, e portanto a viver em profundidade todas as coisas que me são dadas, porque só entrando nas coisas seria possível encontrar e conhecer Aquele que as dá, e que é o mesmo que no dia anterior me tinha olhado através dos olhos do meu amigo; porque esse meu amigo, incitando-me a ver o verdadeiro ponto da questão, me tinha amado mais do que eu mesma amaria. Portanto, comecei a estudar a matéria do meu exame, só que a partir daquele almoço

nunca mais houve um dia – nem um! – em que eu não tenha tido nos olhos o seu olhar que me questiona.

Essa é a questão, essa é a questão, pessoal! A partir daquele dia, já não se pode evitar a presença desse olhar, desses olhos, porque esses olhos, esses olhos, esse olhar, moldou plasmou a nossa vida, assim como aquele olhar plasmou a vida de Zaqueu. Quando dizemos “memória” não é um não-sei-quê: estamos falando de algo que aconteceu – e que acontece – que eu já não posso arrancar de cada fibra do meu ser, assim como os discípulos já não o podiam arrancar dos olhos seus quando se levantavam de manhã ou tinham de enfrentar ou retomar o trabalho.

De fato, aquela pergunta mudou tudo, tudo mesmo, porque eu quero ser feliz agora; no momento em que me recordo da pergunta, recordo-me também da resposta: eu quero algo que aconteça agora. Por isso, o que devo fazer agora? Devo estudar, e por conseguinte levo a sério o estudo, todo o estudo, ou quando estudo com uma pessoa que está à minha frente, levo-a a sério, e por isso nasceu uma amizade muito bonita com alguém que antes eu não conhecia muito bem, e tudo se torna uma descoberta; como quando alguém me dá um presente, a gente interessa-se pelo presente; no momento em que nos damos conta de que tudo nos é dado, torna-se mesmo “inatural” não interessar-se pelo que temos diante de nós. Por isso, entre as mil coisas que nasceram daquele dia, destaco duas. Há quatro anos que vou fazendo o meu curso como que por engano, sempre em dúvida de que, no fundo, no fundo, talvez devesse ter ido para outra faculdade ou estar em outro lugar. De qualquer forma, finalmente sei que este aqui é o meu lugar, sou feliz aqui e estou no ambiente certo aqui.

Viram? Muitas vezes a inquietação que temos em relação à escolha certa da faculdade no fundo pode ser muito mais profunda; e só ficamos em paz quando encontramos a verdadeira resposta e, então, reconciliamo-nos até com o que estudamos, porque o problema do mal-estar não tinha origem no que se estava estudando. Digo sempre: quando a pessoa resolve o verdadeiro mal-estar, quando vai à raiz do mal-estar, então começa também a olhar de maneira diferente o curso que está fazendo e encontra o seu lugar. Apetece dizer: mas como é possível que a fé arrume as coisas muito melhor do que quando focamos analiticamente o curso de licenciatura? É isto que o Mistério deixa entrar na vida. Impressionante.

Exato. E isso é testemunhado pelo fato de eu sentir que estou no meu lugar, pelo fato de que tudo quanto me sucede é para mim, desde uma pessoa que eu talvez nunca mais volte a ver às amizades quotidianas; ultimamente tenho-me dado conta de que gosto muito mais dos meus amigos agora do que antes, porque é cada vez mais evidente o milagre que é eles me terem sido dados, até minha colega de quarto, por exemplo. Uma das coisas é: eu estou exatamente onde gostaria e deveria estar. A segunda coisa que mudou, finalmente, é a oração, porque agora vai-se tornando uma coisa minha, não é só um momento como as Laudas ou mesmo a Missa, por mais intensas que sejam; não

é que eu antes rezasse mal, mas tem-se tornado um diálogo contínuo, porque acordo de manhã e tenho logo vontade de dizer: mostra-te, onde estás hoje? E depois, quando me é dada alguma coisa, é mesmo natural agradecer, torna-se um “obrigado” que permeia o dia todo, tornando-se mesmo a própria dimensão do dia.

Obrigado. Da vida, sem solução de continuidade, à oração, que surge da vida mesma, não como uma coisa que devo fazer para ser “bom” cristão, mas como exigência, urgência de cuidar da relação com Aquele que me dá tudo. Obrigado.

Eu parto de uma coisa que a minha mãe me diz sempre, desde que eu era pequena: “Muita dor e muita alegria, fica apegada a quem é mais feliz do que tu”. Demorei bastante para compreender isto. O drama que eu vivo sacode, abana-me e abre-me o coração todos os dias. Dou dois exemplos. Primeiro, a alegria. Eu passei este Natal na Uganda, porque fui ter com o meu namorado que está lá para fazer um estágio de cinco meses com a Avsi, e ali conheci a Rose. Inútil explicar a grandeza daquela mulher; é mesmo necessário vê-la, olhá-la nos olhos; e depois também o conhecer as mulheres me levou a perceber o que quer dizer ajoelhar-se diante de Alguém que olha o teu coração com tanta ternura que todos os discursos são supérfluos. E depois o sofrimento. Há vinte dias, o meu pai chegou àquela casa de que Claudio Chieffo fala na sua canção “La sorgente”; às vezes parece-me que o meu pai ainda está no quarto ao lado, como diz Péguy; e quando depois páro pensando no sepulcro vazio e silencioso de Jesus, eu também me sinto morrer, mas naquele silêncio está toda a minha fraqueza, está toda a minha pequenez, está todo o meu clamor por um bem mais profundo, por um bem mais vivo e mais presente. Gosto daquele silêncio que aparentemente é tão vazio, porque está carregado de todo o mal e todo o bem que tenho dentro de mim. Desde que ele faltou eu nunca mais conseguia rezar e dizia para mim: “Como Te posso rezar, como Te posso dar glória, Tu que do dia para a noite me tiraste do coração todo este bem!”. É tudo muito confuso, mas é, porém, uma ferida tão profunda que se fecha quando adormeço e se reabre quando acordo, e todos os dias tenho de retomar a decisão de curá-la ou então sangrar até morrer. Ao mesmo tempo que me admiro vendo a minha mãe, vendo o meu namorado, vendo os meus amigos. Todo o dia luto para preencher essa ferida com coisas belas que não precisem de morrer; vejo-me comovida quando sinto que sou amada; estou mais frágil e cedo mais a tudo, precisamente por causa dessa busca. Se me aconteceu isto agora, é porque tenho todos os instrumentos para enfrentá-lo, e estou segura disso, mas se Ele agora me perguntasse “Tu amas-me?”, talvez só à terceira vez eu Lhe respondesse “sim”. Agora não me basta querer-Lhe bem, não me bastam todos os discursos, mas preciso daquele olhar que vi pousar sobre mim enquanto a Rose falava comigo, do abraço do amigo que às vezes, mesmo sem dizer nada, vê mais além junto a mim. Sem isto eu não estaria bem em nenhum lugar. Este problema fez-me ser de algum modo mais

dinâmica mas, em todo o caso, às vezes há alguma confusão, e preciso deste “agora” a todo instante. Domingo fui a San Riccardo Pampuri e ali deu-se em parte a reviravolta: ele é o santo que concedeu à minha família mais de um milagre. Desesperada, depois de uma Missa belíssima, comecei a chorar, ainda não tinha conseguido, e disse mesmo: “Eis-me aqui, voltei, tem piedade do meu nada, faz de mim o que quiseres, porque não posso mais passar sem Ti”, e a dor tornou-se quase indispensável. Por isso te digo que preciso da tua companhia, porque me pareces mais feliz do que eu, e eu quero ficar apegada a ti. Agora consigo rezar e rezo para que a familiaridade contigo e com quem convivo esteja sempre mais presente, a fim de que a vossa amizade permaneça dentro da ferida que todo dia se abre um pouco mais. A única coisa que te peço é que me ajudes a entender o que está acontecendo comigo.

Tu fica atenta à urgência que tens dentro. A vida é fácil, amiga, a questão é que muitas vezes nós temos de esperar que o Mistério nos dê os sinais; às vezes, gostávamos que Ele se apresentasse aqui agora, às claras; mas Ele às vezes se faz esperar. Mas se tu deres tempo, vão aparecer os sinais através dos quais o Mistério te fará descortinar o caminho.

Com muita simplicidade gostaria de relatar algumas coisas da minha experiência recente que comprovam como o desafio dos últimos tempos tem sido para mim uma revolução, e também como o relacionamento com os meus amigos mais íntimos, que vejo mais adiantados do que eu, mais transformados, me vem abalando. Primeiro. Houve momentos em que, para mim, o Acontecimento foi muito claro. Por exemplo, há um mês, em Bolonha, houve um grande nevão e certa noite, estava eu mergulhado nos meus pensamentos – a minha razão era um gato querendo morder o próprio rabo, eu complicava tudo –, a minha namorada muito simplesmente diz: “Vamos até lá fora ver o quintal coberto de neve” (coisa que, em certos aspectos, dá vontade de rir porque estamos num condomínio onde o quintal é horrível). Eu fui, e diante daquela coisa entendi o que é um acontecimento e o que tu queres dizer quando falas da razão e da afeição que andam juntas, porque a minha razão, que até um instante antes estava meio perdida em si mesma, reconheceu de imediato que aquela coisa ali, belíssima, não era eu que a fazia, e o mesmo vale para a minha afeição: foram propriamente juntas e diretas ao ponto, isto é, que Quem faz aquela neve e Quem me dá a minha namorada é Alguém que me quer bem. Daí dei-me conta de que cada dia tenho de decidir se quero estar a este nível ou se me quero deixar levar pelas voltas – às vezes até paranóicas e anormais – que a minha cabeça dá. Por isso eu muito simplesmente me pus a seguir quem vejo que vai mais à frente do que eu nesse modo de olhar. Em vez de tratar o cristianismo como uma coisa em que Cristo está de um lado e a realidade do outro – e eu com meu raciocínio, ou seguindo um esquema, é que os tenho de juntar –, vou atrás de quem reconhece e tem diante de si essa Presença. Com o tempo notei que, para mim, é muito mais imediato reconhecê-Lo. Por

exemplo, há uns dias atrás eu ia para o bar para tomar o café da manhã, recitando o Angelus e diante do bar encontrei uma menina numa cadeira de rodas com uma sonda de alimentação presa a ela; eu, normalmente, fingiria não tê-la visto, porque de manhã já tenho os meus problemas, muita coisa em que pensar, e tudo o que não tenha a ver quero que fique bem longe. Mas justamente enquanto a via, pensei: olha que grande sinal do Mistério que ela é agora! No sinal é Ele quem me diz: “Mas não percebes que Eu estou aqui? Percebes ou não? Então, queres encarar isto ou não?”, e eu pensava: que sinal ela não deve ser também para a família dela que, diariamente, tendo-a ali ao lado, tem o Mistério que lhe diz: “Eh, percebes?”. Espanta-me que este reconhecimento seja cada vez mais frequente. Por exemplo, na segunda-feira à noite convidámos para o jantar um professor nosso com quem nos relacionamos há algum tempo e, na noite anterior, encontrei-me com os representantes dos alunos da minha faculdade, e vinha à tona a questão do que fazer para abordá-lo melhor e desafiá-lo. E eu disse: “Pessoal, eu, antes de mais nada, ao encontrar Cristo descobri-me homem, isso define a minha vida”. Tanto é que na noite seguinte, embora eu não seja um representante, o desafiei, falámos de mil coisas e ele é realmente grande, um gigante, mas eu encontrei uma coisa que não me deixa aceitar falar de universidade em termos unicamente burocráticos e organizativos, e para mim a questão em causa era sempre a educação: “Não é que me interesse aprender a fazer as perguntas, aprender a interessar-me. O que me interessa é a consistência das coisas”, porque para mim uma das muitas revoluções foi entender que não é que tenha de colar Cristo às coisas, mas que na relação com as coisas eu faça a verificação e vá ao fundo daquilo que é a minha relação com Cristo, e por isso me descubro muito mais disponível. Isto, para mim, é uma revolução, porque eu sempre tive o problema de arrumar as coisas em seu devido lugar; agora, pelo contrário, recitando o Angelus de manhã, quando digo “Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a Tua palavra”, eu quero viver assim, eu quero viver ao Seu serviço, eu quero-me surpreender cada dia mais. E já nem sequer me basta a mudança, porque esta manhã eu estava à porta do gabinete de um professor que nos odeia, e eu, à luz do que tinha visto, queria convidá-lo para jantar sabendo muito bem que a hipótese de ele recusar era noventa e nove por cento – só que não consegui encontrá-lo –, mas eu dizia para mim: em última análise não me interessa que ele diga “sim”, que eu mude, que eu brilhe, apenas tenho a certeza de que existe Alguém que me ama de maneira infinita agora, e que me faz, e eu consisto nessa relação. Por isso, quero cada vez mais estar disponível para servi-Lo e a deixar-me agarrar inteiramente. É a única coisa que me interessa, a única.

Obrigado. É muito bonito isso, alguém reconhecer a dinâmica de um acontecimento porque começa a descobrir que razão e afeição andam juntas, ou seja, encontra uma unidade que não é possível alcançar com as próprias forças. Como veem, a vida é fácil: quanto mais se anda pelo caminho que Dom Giussani nos indica, mais imediato é reconhecê-Lo. E qual é o sinal mais claro disso? A

liberdade. *Ubi fides ibi libertas*. Por exemplo, a liberdade de convidar um professor sem a preocupação de que me diga sim ou me diga não; pode ser aquele que menos gosta de nós, mas eu estou livre disso, não sou determinado por isso no relacionamento com ele, e isso só é possível se acontece alguma coisa agora, se Cristo acontece em mim agora, porque senão nenhum moralismo pode gerar isto.

Perante uma coisa desagradável que se passou comigo em dezembro, ficou sempre mais viva em mim a pergunta sobre o que é que me realiza, o que é que preenche a minha vida e o meu coração. Com o passar dos dias, através da companhia firme de alguns amigos, foi iluminador, antes de mais nada, reconhecer que sou amada. A certa altura, depois, sucederam alguns episódios precisos, simples, como tu citavas no dia 25 de janeiro, um gesto cheio de ternura e caridade: da colega de apartamento que, cinco minutos antes, era quase desconhecida, ao telefonema com uma amiga que nos dramas pessoais não acaba no buraco do nonsense, mas continua tenazmente a manter os olhos fixados no coração, que deseja muito mais do que pormenores que correm bem ou não. Através desses rostos e coisas, Deus descobriu-se tanto para mim que fui obrigada a dizer, a certa altura, mesmo na cara dessas pessoas: “Mas que companhia tão absurda, familiar e terna me tens feito!”. Assim, passear na montanha com os meus familiares e estar com os amigos passaram a ser a expectativa da Sua companhia, que depois chegou, aliás, através das pessoas mais díspares. Em relação também à pergunta que nos colocavam (“O que sucede quando se dá o acontecimento cristão?”), um exemplo que me vinha à memória é que no apartamento as relações mudaram. Uma colega, há dias, à hora do almoço disse que estes meses para ela foram muito bons, porque sentiu um amor impensável por ela no apartamento, por questões pessoais, e demos por nós agradecendo uma à outra pela mesma coisa; obviamente, ali ficou evidente para ambas que não era de tudo obra das nossas mãos. O grande tesouro que tenho agora é ter visto Quem é que preenche totalmente o meu coração, e assim Ele conquistou-me completamente, porque quando o coração se enche verdadeiramente, respira, mesmo dentro desta situação dolorosa há uma plenitude de vida que mais ninguém alguma vez me conseguiu me dar. E agora, dentro das distrações, que apesar de tudo surgem continuamente, vejo que o que me salva é o regressar a todo instante lealmente à consciência do que eu realmente sou, isto é, uma frágil pobrezinha, mas com um coração grande que só deseja encontrar e segui-Lo a Ele.

Obrigado.

Gostava de ter dito uma coisa totalmente diferente, mas vou ficar pelo que tu disseste antes a uma jovem, que aquele “incrivelmente maior” estava presente no modo como o amigo a olhava e perguntava “Mas tu quem és, o que procuras, o que me queres?”. Para mim também esse olhar

existe, e também a mim, assim como ela naquele momento não se dava conta, muitas vezes me acontece isso, por isso eu gostava de perguntar: como nos podemos educar para reconhecer esse olhar?

A coisa mais decisiva, amigos, qual é? A surpresa de que esse olhar existe. A primeira atividade é uma passividade: perceber que o cristianismo não é uma coisa do passado, mas está acontecendo agora. É essa a esperança para ti e para mim, porque Ele continuará a bater à porta, de um modo ou de outro, através dessa pergunta, através de alguma coisa que faz acontecer, através de algo que espanta, através de algo que sucede. A questão é esta: que nós não estamos sós com o nosso nada, com a nossa incapacidade, com a nossa insuficiência, com a nossa distração. Ponto! Como nos educamos para isso? Cedendo a Cristo quando acontece.

No entanto, na última Escola de Comunidade tu dizias, referindo-te aos apóstolos: “Jesus introduz-os no mistério deles, na consciência terna e apaixonada deles”.

Isso é a salvação de que falava há pouco a amiga que interveio: a consciência disso.

Mas estou certo de que às vezes cedo.

E quando cedes o que é que acontece? É disto que nos temos de dar conta, porque quando tu cedes deixas que Ele entre, que é tudo o que precisamos de fazer. Se tens uma dor de cabeça e tomas um comprimido e este tira a dor – para dar um exemplo banal –, o que fazes quando a dor volta?

Tomo outra vez.

Não por teres de fazer isto ou aquilo, mas porque isso te corresponde mais (sentes-te melhor sem dor de cabeça do que com ela)! A questão é se se começa a ver, a saborear, a ter uma experiência ainda que pequena (não tem de ser necessariamente clamorosa) da diferença entre deixá-Lo entrar ou não. Assim, logo que sentes o mal-estar, logo que te vês encurralado, comesças a desejar Cristo, e não podes não ir em busca dEle. Com isso comesças a educar-te, porque Ele começou a despertar em ti o desejo dEle.

Aí não compreendo, para ser sincero.

O que é que nos atrai? Uma experiência tão positiva, tão bela da vida, que se deseja cada vez mais. O problema é se começamos a perceber isto experimentalmente na vida, porque essa é a relação que temos com Cristo presente. Se desejamos isto, como nos educamos para isto? Em primeiro lugar quem educa é Ele, porque há sempre algo que vem antes de todo o seu impulso, como vês, acontece alguma coisa que te desperta a vontade dEle, o desejo dEle (como dizia antes um de vocês: o desejo daquilo que vi). Tu podes ir atrás dEle ou podes não ir; podes ceder ou não ceder; muitas vezes não cedês, mas de vez em quando, graças a Deus, cedês e, então, vês a diferença. Não é que depois passes a ceder mecanicamente; não, tu continuas a ocupar-te da tua vida, mas vês a diferença entre o momento em que cedeste e o momento em que não cedeste. E, como não somos tolos, começamos a ver que nos convém ceder, e então começamos a ceder. É, como vês, uma coisa

humaníssima, uma coisa que não tem nada de complicado, simplesmente uma pessoa nunca quer perder aquilo que descobriu. E se não o quer perder, procura-o, tem vontade de procurá-lo, não porque tenha de fazê-lo, não por ser obrigado; não: para não o perder! É por pura conveniência, é por puro desejo daquela plenitude que me corresponde mais conveniente do que todas as tolices que me vêm à cabeça. É fácil, porque Cristo não introduziu um caminho “pesado”, introduziu um atrativo que, quando começamos a saboreá-la, como vimos esta noite em tantos testemunhos, não pode deixar de desejá-la cada vez mais. E já não lhe basta nenhuma outra coisa, só deseja aquela, e cada vez mais. E isso vai-nos educando pouco a pouco.

Sim, digamos que compreendi mais ou menos; ainda não compreendi bem, mas mais ou menos compreendi.

Mas tu não vais compreender isto por eu te explicar melhor; tu vais compreender quando cederes a Ele, porque aquilo que te faz compreender é uma experiência, não uma nova explicação. Vocês têm de tirar isso da cabeça, porque pensam que compreendem por meio de uma explicação melhor. Não, não o podes compreender porque nem sequer sabes do que estou falando enquanto não te acontecer. Esta noite começaste a entrever que, quando cedes, é diferente de quando não cedes?

Sim, sim, há um bom tempo que...

Bem, então...

Mas compreendi.

A questão é que tu tens de decidir, e isso é uma coisa que uma explicação não te pode poupar. Queres ir em busca desta plenitude que saboreaste, pelo menos inicialmente, quando cedeste a Ele ou não? É só isso que te educa. E tu compreenderás cada vez melhor quanto mais cederes (em vez de fazer diferente). E quando errares, não te preocupes: usa o erro para fazer a comparação entre o que acontece quando erras e quando não, e depois decides o que fazer. É fácil.

Posso perguntar a últimíssima coisa? Justamente porque, de qualquer modo, este encontro que fiz é a coisa mais importante para mim, estou começando cada vez mais, inclusive provocado por amigos, a perguntar-me quais são os traços essenciais do carisma que me prendeu, e às vezes paro para pensar nisso durante o dia. É um trabalho constante, para mim, procurar responder a esta pergunta, porque me parece que não contar com a resposta a esta pergunta é o mesmo que não contar com aquilo que encontrei, substancialmente. Queria-te pedir uma ajuda nisto, que é se me podes dizer quais são, para ti, esses traços.

A questão é ficar atento ao que contamos uns aos outros. Quais são os traços inconfundíveis? Um olhar de ternura ilimitada, porque quando alguém se sente amado, como vimos, ou sente esse olhar sobre si, ou o vê presente mesmo no momento mais escuro, como a morte, basta que cada um percorra o que ouvimos esta noite, porque é tudo a documentação daquilo que vocês puseram como título do encontro: “Cristo é algo que me acontece agora”. O que foi que vimos juntos esta noite?

Por que valeu a pena vir aqui esta noite, para cada um, incluindo eu? Por ter podido ver. Nós esta frase já a sabíamos, mas hoje vimos que a frase é verdadeira, e vamos todos voltar para casa com os olhos cheios do que vimos, que verificámos de maneira palpável. Então, se agora retomares tudo o que emergiu esta noite e começares a fazer a pergunta sobre os traços inconfundíveis, começarás a reconhecê-los. Quanto mais apegado estiveres àquilo que ouvimos os amigos dizer, mais poderás descobrir os traços inconfundíveis da Sua presença; quanto menos fantasiar, menos te afastarás com a imaginação, mais ficas apegado ao que aconteceu hoje aqui, entre nós, mais descobrirás esses traços. Não te digo isso para evitar responder, mas porque tens de ser tu a verificar de maneira palpável, porque tu não o descobres através da minha explicação, mas sim pelo modo como se documenta experimentalmente entre nós, e depois dirás aos amigos: “Eu descobri isto, e tu o que dizes de ontem? Que traços reconheceste?”. E fazem uma competição para reconhecer esses traços, que nós não podemos inventar por estarem muito além do que podemos sonhar. E assim começamos a reconhecê-Lo. Imagina quantas vezes os discípulos terão dito entre si: “Mas tu viste o que aconteceu hoje?”. E isso fará surgir cada vez mais aos nossos olhos toda a Sua figura, com todos os traços da Sua total diversidade. Desta forma começamos a ver que o percurso da Escola de Comunidade que estamos começando a fazer na companhia de Dom Giussani não é a lição sobre algo “já sabido”, mas a descoberta de um presente que acontece. De fato não o sabemos, e devemos ver acontecer Cristo entre nós para começar a saber do que se trata. Por isso lhes agradeço verdadeiramente pelo diálogo que tivemos esta noite.

Julián, podes dizer uma palavra sobre o Cartaz de Páscoa?

Enquanto preparávamos o Cartaz deste ano alguém disse – fico contente porque a maioria das coisas não nascem da minha cabeça –: “Por que é que este ano não usamos como Cartaz o de 1988, a que Giussani chamava o *Cartaz permanente*?” De imediato isso pareceu pertinente a todos. Por três razões: o tema da Escola de Comunidade, a proclamação do Ano da Fé (que começa em outubro) por parte do Papa, o pedido de abertura da causa de beatificação de Dom Giussani. A escolha de repropor o Cartaz permanente é para trazer aos nossos olhos a coisa mais decisiva: a nossa amizade, o nosso estar juntos, a nossa vida, o que têm de mais caro? É como repeti-lo a nós mesmos e ao mundo, neste momento de confusão, em que tantos andam desorientados, em que nós tantas vezes sucumbimos no niilismo. É como dizer a todos que aconteceu um fato na história: a coisa mais cara é o próprio Cristo. Este é como que o grito, o testemunho a ter presente durante o ano todo. É a possibilidade de ter a companhia desse texto que grita diante dos nossos olhos o que temos de mais caro, e que ao mesmo tempo nos pergunta: “E tu, o que tens de mais caro?”. No final do percurso da Escola de Comunidade, no fim do Ano da Fé na companhia do Papa, poderemos chegar a dizer mais convictos aquilo que temos de mais caro: “O próprio Cristo. Ele próprio e tudo

o que vem dEle, porque sabemos que nEle habita corporalmente toda a plenitude da Divindade”.
Eis o objetivo fundamental deste Cartaz.